

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA EM LEONTIEV: REBATIMENTOS DA CONTRADIÇÃO ENTRE CAPITAL E TRABALHO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO SER SOCIAL

Leonardo José Freire Cabó¹

Adéle Cristina Braga Araújo²

Ruth Maria de Paula Gonçalves³

Resumo

Analisar a relação entre educação e formação humana na sociabilidade do capital constitui-se o objetivo principal do presente trabalho. De caráter teórico-bibliográfico, os estudos que estão na base do referido artigo vinculam-se à pesquisa em andamento intitulada “Atividade e formação social: quando os trabalhadores são alunos”, desenvolvida no contexto do Grupo de Pesquisas Trabalho, Educação e Luta de Classes, da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Nossa base teórica assenta-se na ontologia marxiana, privilegiando, sobretudo, as reflexões de Leontiev (1978), apelando também, em significativa medida, às contribuições de Tonet (2005), dentre outros autores. A materialidade nos tem provado concretamente através da forma como foi e tem sido organizada a educação na sociabilidade do capital, que esta não se constitui um complexo social que confere ao homem, em sua totalidade, elementos de uma formação humana integral. Elevado à condição de meio principal de transmissão dos conhecimentos acumulados historicamente pelo sistema capitalista, o aparelho educacional, organizado pela classe dominante, tem servido de forma marcante para perpetuar e disseminar os conhecimentos, habilidades e valores necessários à manutenção da ordem estabelecida em detrimento de uma difusão cultural e material que seja de acesso a todos e que forme realmente o indivíduo na sua totalidade humano-genérica.

Palavras-chave: Leontiev; Educação; Formação Humana.

¹ Graduado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM) da Universidade Estadual do Ceará- Fafidam/Uece. Pesquisador do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário - IMO/UECE. freirecabó@yahoo.com.br.

² Graduanda em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. Pesquisadora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário - IMO/UECE. adele_arte@yahoo.com.br.

³ Doutora em Educação. Professora do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará - CH/UECE. Professora do Curso de Mestrado Acadêmico em Educação - CMAE/UECE. Pesquisadora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário - IMO/UECE. ruthm@secrel.com.br.

EDUCATION AND HUMAN DEVELOPMENT IN LEONTIEV: IMPLICATIONS OF CAPITAL AND LABOR CONTRADICTION IN THE DEVELOPMENTAL PROCESS OF THE SOCIAL BEING

Abstract

Analyzing the link between education and human development in the sociability of capital is the main objective of the paper. Of a theoretic-bibliographical nature, the studies which set the foundations for this article are connected to the ongoing research project entitled "Activity and social formation: when the workers are students", developed into the context of the Labor, Education and Class Struggle Research Group of the State University of Ceará (UECE). Our theoretical groundwork rests mainly on studies developed by Leontiev (1978), also relying, to a significant extent, upon Tonet's contributions, among other authors. The materiality has concretely proven, through the way it was and has been organized in the sociability of capital, that education is not taken as a social phenomenon, capable to provide man, in his wholeness, with the elements which allow for an integral human development. Raised to the condition of the main instrument to pass on to the next generations, the body of knowledge historically accumulated by mankind, the educational system organized by the dominant class has been put to serve the purpose of perpetuating and disseminating the knowledge, skills and values which are necessary to sustain the established order, in place of granting a cultural and material education accessible to all and able to develop the individual, in his human and generic totality.

Keywords: Leontiev; Education; Human Development.

A materialidade nos tem provado, concretamente, que a forma como foi e tem sido organizada a educação na sociabilidade do capital não se constitui um complexo social que confere ao homem, em sua totalidade, elementos de uma formação humana integral. Partindo dos fundamentos onto-metodológicos elaborados por Marx, (re)afirma-se aqui que o processo de o indivíduo singular tornar-se membro do gênero humano passa necessariamente pela apropriação do patrimônio – material e espiritual – acumulado pela humanidade em cada momento histórico. É através desta apropriação que o indivíduo singular vai, efetivamente, constituindo suas características humano-genéricas. Afinal, o que necessitamos para nos tornarmos partícipes da generidade humana?

De acordo com Tonet (2008, p. 90-91), na esteira da ontologia marxiana, não são primordialmente as leis biológicas que nos dizem o que devemos fazer para

atender nossas necessidades, uma vez que este fato ocorre através da apropriação daquilo que se tornou patrimônio do gênero humano. Segundo o autor, a partir de uma idéia antes defendida por Leontiev, ao nascermos, trazemos conosco apenas os genes hereditários de nossa espécie. Com efeito, o patrimônio cultural acumulado e decantado pela humanidade não nos é dado no momento do nascimento, sendo necessário que nos apropriemos dele.

Nessa mesma perspectiva, expressa-se Saviani, quando elucida:

[...] o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica trabalho educativo. Assim, *o saber que diretamente interessa à educação é aquele que emerge como resultado do processo de aprendizagem, como resultado do trabalho educativo*. Entretanto, para chegar a esse resultado a educação tem que partir, tem que tomar como referência, como matéria-prima de sua atividade, *o saber objetivo produzido historicamente* (2003, p. 7 – grifos nossos)

Enquanto membros da espécie, todos os indivíduos têm características comuns, que são transmitidas pela herança genética. No entanto, o pertencimento ao gênero humano não nos é dado por meio da herança genética, mas por um processo histórico-social, ou seja, pela incorporação das objetivações que constituem o patrimônio do gênero humano (TONET, 2005, p. 213). Não se trata, contudo, de apenas tomar posse de algo que já está pronto e acabado. Trata-se, neste processo, de apropriar-se do que já existe e de, ao mesmo tempo, recriá-lo e renová-lo, configurando, desse modo, o próprio indivíduo em sua especificidade. Uma vez que o desenvolvimento da humanidade está depositado nos objetos por ela criados, cada homem tem que se configurar a si mesmo de forma a poder fazer sua a riqueza material e espiritual objetivada pelo homem em sua processualidade histórica.

A natureza essencial da atividade educativa, conceituada num sentido extremamente amplo, consiste na tarefa de propiciar aos indivíduos a apropriação dos conhecimentos, habilidades, valores e comportamentos, etc., os quais configuram o patrimônio acumulado pela humanidade em sua *démarche* histórica. Neste sentido, “[...] esta riqueza material e simbólica contribui para que o indivíduo se torne membro do gênero humano, apto a reagir diante do novo de um modo que

seja favorável à reprodução do ser social na forma em que ele se apresenta num determinado momento histórico” (TONET, 2005, p. 222).

Segundo o acima referenciado (p. 218), o que distingue a educação de todas as outras atividades humanas (a arte, o direito, a política, entre outras) é o fato de que este complexo social caracteriza-se não pelo produto das objetivações – o que não quer dizer que também não as produza –, mas pela apropriação daquilo que é realizado por outras atividades. Exemplifiquemos o que aqui assinalamos, ainda no rastro do pensamento de Tonet (2005):

cabe à atividade artística produzir obras de arte, mas é por meio da educação – aqui entendida, obviamente, em um sentido amplo que inclui tanto a educação direta quanto a educação indireta – que o indivíduo se torna capaz de tornar seu o universo contido na obra de arte. É por intermédio disso que a atividade educativa contribui para a construção do indivíduo como ser humano.

Transmitir às novas gerações aquilo que foi decantado e se transformou em patrimônio do gênero humano é absolutamente fundamental para dar continuidade ao ser social em sua historicidade. Neste contexto, cabe a aqueles que se dedicam ao trabalho educativo, a tarefa de produzir, “[...] direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2003, p. 7).

A atividade educativa é sempre parte de um contexto histórico. Sendo esta atividade um processo de mediação entre o indivíduo e a sociedade (Duarte, 2001), questionamos: Como tem se objetivado a formação do indivíduo ao longo da história humana? Em que medida tem sido possível a apropriação da cultura acumulada historicamente? Que fatores intervêm nesse processo? E, finalmente, quais as consequências do aparecimento da divisão social de classes nesse contexto?

O processo de apropriação da cultura pelo homem

Comecemos nossas considerações buscando atender às indagações suscitadas no item anterior. De início, direcionamos nosso esforço teórico para

responder em que consiste e como se desenrola o processo de apropriação pelos indivíduos das aquisições do desenvolvimento histórico-social.

De acordo com Leontiev (1978, p. 286), a experiência sócio-histórica da humanidade revela que, para que ocorra a apropriação dos objetos ou dos fenômenos que são o produto do desenvolvimento histórico, “[...] é necessário desenvolver em relação a eles uma atividade que reproduza, pela sua forma, os traços essenciais da atividade acumulada no objeto”. Tal fato é esclarecido mais adiante pelo autor (p. 287) quando o mesmo lança mão de um exemplo simples, a saber, a aquisição de um instrumento.

Segundo ele, “O instrumento é produto da cultura material que leva em si, da maneira mais evidente e mais material, os traços característicos da criação humana. Não é apenas um objeto de forma determinada, possuindo determinadas propriedades” (IDEM). Produto da cultura material da humanidade, o instrumento é também social, pois nele estão incorporadas e fixadas as operações de trabalho historicamente elaboradas pelo homem no decurso de seu desenvolvimento.

Leontiev nos dá um exemplo assaz esclarecedor acerca do papel dos instrumentos no desenvolvimento histórico do gênero humano, enriquecendo-o ainda com uma rápida comparação com a utilização perpetrada pelos animais, pelos símios em especial, de um instrumento que, para o homem, tem um caráter extremamente peculiar. Nas palavras do autor (p. 287), o fator do conteúdo do instrumento ter além de um caráter social, um caráter ideal, cristalizado nos instrumentos humanos, é o que o distingue radicalmente da utilização realizada pelos animais do mesmo instrumento.

Estes últimos devem igualmente realizar certas operações. Sabe-se, por exemplo, que um símio apreende a servir-se de um pau para puxar um fruto para si. Mas estas operações não se fixam nos “instrumentos” dos animais e estes “instrumentos” não se tornam os suportes permanentes destas operações. Logo que o pau tenha desempenhado a sua função nas mãos do símio, torna-se um objeto indiferente para ele. É por isso que os animais não guardam os seus “instrumentos” e não os transmitem de geração em geração. Eles não podem, portanto, preencher esta função de “acumulação”, segundo a expressão de J. Bernal, que é própria da cultura.

O exemplo acima explica de forma sucinta por que não existe nos animais processos de aquisição do instrumento. Nos animais, ainda, segundo Leontiev, “[...] o emprego do “instrumento” não forma neles novas operações; é o

próprio instrumento que está subordinado aos movimentos naturais fundamentalmente instintivos, no sistema ao qual se integra”.

O processo de aquisição do instrumento pelo homem consiste na apropriação das operações que nele estão incorporadas. É, de forma correlata, “[...] um processo de formação ativa de aptidões novas, de funções superiores, psicomotoras”, que “hominizam” a sua esfera motriz (1978, p. 289). A principal característica do processo de apropriação ou de aquisição é que o mesmo cria no homem aptidões novas, funções psíquicas novas. Segundo Leontiev é nisto que se diferencia o processo de aprendizagem humana da aprendizagem dos animais.

Nas palavras do autor (1978, p. 289):

Enquanto este último é o resultado de uma *adaptação* individual do comportamento genérico a condições de existência complexas e mutantes, a assimilação no homem é um processo de *reprodução*, nas propriedades do indivíduo, das propriedades e aptidões historicamente formadas na espécie humana (grifos do autor).

Citando Chateau (1960), Leontiev (1978) nos afirma que, se, por um lado, os animais se contentam com o desenvolvimento da natureza, por outro, o homem constrói a sua natureza. Os fatos indicam, segundo ele, que “[...] as aptidões e funções que se desenvolvem no decurso da história social da humanidade não se fixam no cérebro do homem e não se transmitem conforme as leis da hereditariedade”. Conforme o autor,

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente *dadas* aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas *postas*. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, “os órgãos da individualidade”, a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através de outros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança *aprende* a atividade adequada. Pela sua função este processo é, portanto, um processo de *educação*. (LEONTIEV, 1978, p. 290 – grifos do autor)

Aportamos aqui em um ponto importante do nosso trabalho, qual seja: o papel da educação no processo de formação humana. Nesse sentido, questionamos: as implicações decorrentes do desenvolvimento histórico alcançado pelo gênero humano ao longo do decurso dos anos, com o aumento da produção, além do advento de novas técnicas de cultivo e “uso” da força humana, assim como da acumulação de alimentos e, sobretudo, a partir da divisão social em classes

teriam reduzido as possibilidades de uma formação humana integral? Seria possível à escola e à educação, dentro dos limites que lhes são impostos hoje, proporcionar ao homem uma formação plena de sentido?

Educação e Formação Humana em Leontiev

A cada momento histórico ao qual nos reportemos vamos encontrar traços específicos que nos mostram de que forma se deu o processo de tornar-se homem do homem, como diria Lukács (1978), as limitações e os entraves aos quais o ser social sempre esteve exposto e também, nesse contexto, o papel que tem desempenhado a educação escolar.

O desenvolvimento humano, como pode ser observado através do longo decurso de tempo que nos separa dos primeiros seres vivos existentes, mormente, dos primeiros seres humanos que viviam congregados, mostra que tal desenvolvimento é marcado por uma série de contradições. Nas palavras de Leontiev (1978), é a partir das condições histórico-concretas de existência às quais estão submetidos os sujeitos que dependerá seu desenvolvimento enquanto ser social. Mas qual o papel da educação neste processo?

Segundo Leontiev (1978, p. 285), as gerações humanas morrem e sucedem-se, mas aquilo que criaram passa às gerações seguintes as quais multiplicam e aperfeiçoam pelo trabalho e pela luta, as riquezas que lhes foram transmitidas e assim vão confirmando o testemunho do desenvolvimento da humanidade. Nesse sentido, como assinala o autor, a educação vai tornando possível o movimento da história através da “[...] transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, a educação” (p. 291). Com efeito, sem a transmissão dos resultados do desenvolvimento sócio-histórico da humanidade às gerações seguintes seria impossível a continuidade do processo histórico.

De acordo com o autor, “quanto mais progride a humanidade mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e mais complexa é a sua tarefa”. Para o autor, esta relação entre o progresso histórico e o progresso da educação “[...] é tão estreita que se pode sem risco de errar julgar o nível geral do desenvolvimento histórico da sociedade pelo

nível de desenvolvimento do seu sistema educativo e inversamente” (LEONTIEV, 1978, p. 291-292).

Considerando que a educação constitui um complexo fundado pelo trabalho, vale destacar a relação entre a organização do processo educacional e as formas e organização do trabalho na sociabilidade erigida sob a regência do capital.

Ora, vale indagar: se há uma relação direta entre desenvolvimento histórico e desenvolvimento humano, como justificar as diferenças existentes entre os homens? Essas diferenças são, na verdade, “[...] produto da desigualdade econômica, da desigualdade de classe e da diversidade consecutiva das suas relações com as aquisições que encarnam todas as aptidões e faculdades da natureza humana, formadas no decurso de um processo sócio-histórico” (IDEM, p. 293).

A divisão social em classes com interesses antagônicos, engendrada pelo aparecimento da divisão social do trabalho, pela propriedade privada dos meios de produção e pela luta de classes teve como consequência a separação entre atividade material e atividade intelectual, entre o prazer e o trabalho, entre a produção e o consumo, fazendo com que cada um pertença a homens diferentes.

Assim, enquanto globalmente a atividade do homem se enriquece e se diversifica, a de cada indivíduo tomado à parte estreita-se e empobrece. Esta limitação, este empobrecimento podem tornar-se extremos, sabemos-lo bem, quando um operário, gasta todas as suas forças para realizar uma operação que tem de repetir milhares de vezes (IDEM, p. 293-294)

Malgrado algumas correntes do pensamento defenderem que as diferenças entre os homens provêm da uniformidade da cor da pele, do tamanho do crânio, entre outras hipóteses, Leontiev nos afirma que esta diferença, no entanto, não provém das diferenças biológicas ou naturais. Segundo ele, a concentração das riquezas materiais nas mãos de uma classe dominante é acompanhada igualmente de uma concentração da cultura intelectual nas mesmas mãos. Embora as criações pareçam existir para todos,

[...] só uma ínfima minoria tem o vagar e as possibilidades materiais de receber a formação requerida, de enriquecer sistematicamente os seus conhecimentos e de se entregar à arte; durante este tempo, os homens que constituem a massa da população, em particular da população rural, têm de contentar-se com o mínimo de desenvolvimento cultural necessário à produção de riquezas materiais nos limites das funções que lhes são destinadas (LEONTIEV, 1978, p. 275 -276).

A concentração e a estratificação da cultura não se produzem apenas no interior das nações ou dos países. A desigualdade de desenvolvimento cultural dos homens manifesta-se ainda mais cruamente à escala do mundo, da humanidade inteira (p. 276). A parcela dominante da sociedade não possui apenas os meios de produção da riqueza material, mas também a maior parte dos meios de produção e de difusão da cultura intelectual, esforçando-se, por conseguinte, para garantir seus interesses, perpetuando e produzindo cada vez mais a estratificação da cultura acumulada historicamente.

O desenvolvimento humano-social, segundo nosso autor, segue assim duas vias radicalmente diferentes, onde uma, além de reunir em torno de si a riqueza material produzida historicamente, acumula igualmente “as riquezas intelectuais, as idéias, os conhecimentos e os ideais que encarnam o que há de verdadeiramente humano no homem e iluminam os caminhos do progresso histórico: ela reflete os interesses e as aspirações da maioria” (LEONTIEV, 1978, p. 276).

A outra via, por sua vez,

[...] tende para a criação de concepções cognitivas, morais e estéticas que servem aos interesses das classes dominantes e são destinados a justificar e perpetuar a ordem social existente, em desviar as massas da sua luta pela justiça, igualdade e liberdade, anestesiando e paralisando a sua vontade. O cheque destas duas tendências provoca aquilo a que se chama *luta ideológica* (IDEM, grifo do autor).

É nesse contexto de concentração não apenas de riqueza material, mas também da cultura acumulada historicamente pela humanidade que podemos entender o papel da escola na perpetuação e manutenção da histórica divisão social em classes dando conformidade à contradição social que se efetiva na realidade objetiva.

A história insiste em nos mostrar que não é de hoje que a escola tem desempenhado um papel de reprodutora da divisão social, mas é sob o jugo do capitalismo que esta divisão tende a se agudizar cada vez mais. Funcional e também fundamental aos interesses dominantes, a escola, em sua organização, conteúdos e métodos formulados e impostos por grupos também dominantes, não pode se furtar ao atendimento de tais interesses.

À guisa de conclusão

A agudização das relações de exploração tem gerado ao longo da história – e como pode ser evidenciado ao longo do decurso humano – um processo onde a riqueza material e cultural produzida historicamente tem sido negada àqueles que sempre exerceram uma função de extrema relevância em seu processo de criação/desenvolvimento: a classe trabalhadora. A escola, enquanto instrumento privilegiado por excelência para viabilizar o acesso à cultura produzida historicamente, exerceu, e ainda exerce, grande influência neste contexto.

Como é sabido, e como foi discutido até aqui, a sociedade burguesa por sua natureza está assentada em uma contradição estrutural. A forma do trabalho, que lhe dá origem – a compra-e-venda de força de trabalho – leva à reprodução da desigualdade social. Por outro lado, a reprodução do capital exige, ao mesmo tempo, a organização da igualdade formal entre capitalistas e trabalhadores, ou seja, que estes sejam livres, iguais e proprietários. Assim, o processo funciona para que capitalismo se reproduza.

Como diria Tonet (2006), a lógica do capital reflete-se na educação sob a forma de contradição entre o discurso de igualdade e a realidade objetiva. “O primeiro proclama uma formação integral, isto é, livre, participativa, cidadã, crítica para todos os indivíduos. O segundo proclama, no seu movimento real, a impossibilidade daquela formação” (IDEM, p. 8).

Elevada à condição de meio principal de transmissão dos conhecimentos acumulados historicamente pelo sistema capitalista, o aparelho educacional, organizado pela classe dominante, tem servido de forma marcante para perpetuar e disseminar os conhecimentos, habilidades e valores necessários à manutenção da ordem estabelecida.

Não é possível esconder tal prerrogativa, pois a história nos mostra, a todo momento, que o aprofundamento das desigualdades sociais, ao longo dos anos, tem tratado de alargar ainda mais o fosso social existente entre livres e escravos, proprietários e não proprietários, pobres e ricos. Tamanha empreitada, posta em andamento desde que o homem passou a produzir mais do que o

necessário a sua sobrevivência, tem se alastrado de forma vertiginosa no último século, quando a necessidade de manutenção da acumulação da riqueza material, cultural e intelectual de uma pequena minoria tem gerado conseqüências danosas para o conjunto dos seres humanos.

É nesse contexto de negação em suas mais variadas formas, que a educação escolar tem recebido destaque enquanto aparelho privilegiado para a difusão dos valores e conhecimentos necessários à manutenção da ordem vigente em cada momento histórico. Para tanto, a organização da educação escolar da classe trabalhadora tem sido invariavelmente gestada pela camada dominante, de forma a colocá-la na trilha da preservação do *status quo*. A relação sociedade-educação, longe de ser dissociada, deve ser examinada em suas múltiplas articulações para que possamos desvelar o denso véu que encobre a função social da educação no decurso da história dos homens.

Referências

CARMO, Francisca Maurilene do. **Vigotski**: um estudo à luz da centralidade ontológica do trabalho. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Faculdade de Educação/ Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC). Fortaleza, 2008.

DUARTE, Newton. Formação do indivíduo, Consciência e Alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. In: **CADERNOS CEDES**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 44-63, abril 2004.

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. In: Autores marxistas. Disponível em <http://www.marxists.org/portugues/marx/1876/otrabalhonaotransformacaodomacacoemhomem.htm>. Acesso em 22 de setembro de 2005.

LEONTIEV, Aleksei Nikolaievich. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 1978.

LESSA, Sérgio. **Para compreender a Ontologia de Lukács**. Ijuí: Unijuí, 2007a. (Coleção Filosofia)

LUKÁCS, George. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. São Paulo: Ciências Humanas LTDA, 1978. Tradução de Carlos Nelson Coutinho.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos e Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MARX, Karl; Friedrich Engels. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **Textos sobre Educação e Ensino**. São Paulo: Editora Moraes, 1992.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003. (Coleção Educação Contemporânea)

_____. Trabalho e Educação: Fundamentos ontológicos e históricos. In: **Revista Brasileira de Educação**, vol. 12, n. 34, jan./abr. 2007. p. 152-165.

TONET, Ivo. **Educação, Cidadania e Emancipação Humana**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005. (Coleção Fronteiras da Educação)

_____. Educação e Formação humana. In: **Marxismo, Política, Educação e Emancipação Humana**. Disponível em: <http://www.geocities.com/ivotonet/index.html>. Acesso em 10 jan. 2006.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.